

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MANIFESTAÇÕES DE ARTE NO MOBILIÁRIO FUNERÁRIO DO ENEOLÍTICO EM PORTUGAL.

FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1962 | Número: 72

Como citar este documento:

FERREIRA, O. da Veiga, Manifestações de arte no mobiliário funerário do Eneolítico em Portugal. *Revista de Guimarães*, 72 (3-4) Jun.-Dez. 1962, p. 365-375.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Manifestações de Arte no mobiliário funerário do Eneolítico de Portugal

Por O. DA VEIGA FERREIRA
Dos Serv. Geol. de Portugal
Bolseiro do I. A. C.

As manifestações de Arte, mesmo entre os povos mais primitivos, são uma característica inata. Desde as mais remotas idades da humanidade que esta se preocupou com as demonstrações dessa actividade espiritual, que é unicamente apanágio da raça humana. Começa, sem sombra de dúvida, no chamado Paleolítico Superior (1), com a tão discutida arte animalista representativa, para evoluir depois para uma arte esquemática e sem sentido estético, até atingir, após muitos séculos de esforços e de vicissitudes, a magnífica arte de um Miguel Angelo! Não é, porém, sobre a generalidade das manifestações artísticas dos povos que nós esboçamos este modesto trabalho, mas sim especialmente sobre a arte mágico-religiosa das populações do Eneolítico de Portugal, observada nos espólios que as acompanharam na sua última morada.

Antes, porém, faremos uma ligeira resenha das culturas que à volta de 4.000 anos existiam em Portugal, pois são dos povos dessa época alguns dos espécimenes artísticos que vamos mencionar (2).

(1) Martin Almagro, «El Paleolítico español», in *Historia de España*, vol. I do tomo I, Madrid, 1947, p. 245 ss.

H. Breuil, «Una Altamira francesa — La caverna de Lascaux en Montignac (Dordoña)». *Archivo Esp. de Arqueologia*, n.º 44, Madrid, 1941.

Hermilio Alcalde del Rio, «Las pinturas y grabados de las cavernas prehistóricas de la Provincia de Santander», *Portugalia*, T. II, Porto, 1905-1908.

(2) O. da Veiga Ferreira e A. Rodrigues Cavaco, «O monumento pré-histórico de Lousal (Grândola)». *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXXIII, Lisboa, 1952.

No estado actual da investigação arqueológica no nosso país podemos citar as seguintes culturas:

I) — *Cultura das «antas» ou «antelas» do Norte*

Esta cultura, que se expandiu pelas províncias do Minho, Trás-os-Montes, Beira Alta e Beira Baixa, é caracterizada por sepulturas pequenas, mas de plano idêntico ao dos grandes túmulos da cultura megalítica. Alguns monumentos desta cultura contém gravuras, e outros pinturas esquemáticas. Podemos citar, entre vários, os dólmenes de Côta, de Juncais e, mais recentemente, o dolmen de Antelas cujos esteios da cripta funerária são ornamentados de belas pinturas. O material encontrado nos túmulos desta cultura é muito primitivo, contendo machados mal polidos, de secção quase circular, trapézios e triângulos de sílex de tradição tardenoisense e vasos muito rudes. As manifestações de arte resumem-se apenas à ornamentação dos monumentos, com pinturas de carácter simbólico e religioso. A arte do mobiliário é rude e sem qualquer sentido estético, evidenciando apenas uma característica utilitária.

Muitas vezes, no meio de um aglomerado de pequenas sepulturas, surge um grande sepulcro com cripta e comprida galeria, o que, em nosso entender, representa uma influência da cultura megalítica mais do Sul, do Alto Alentejo.

Embora as pinturas nunca tenham aparecido, até o presente, nos objectos que acompanhavam o morto ou mortos, e, quanto a gravuras, possamos mencionar as dos achados Alvão (1), de autenticidade aliás duvidosa, teremos que as citar neste trabalho, pois dizem justamente respeito a uma manifestação artística intimamente ligada à arte funerária. Em Antelas (2), por exemplo, pode-se, pelo estudo das pinturas esquemáticas da sua câmara, reconstituir o que os homens quiseram

(1) José Brenha, «Dolmens ou antas no concelho de Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes)», *Portugalia*. T. I. Porto, 1889 1903, pp. 691 a 749.

(2) L. de Albuquerque e Castro, O. da Veiga Ferreira e Abel Viana, «O dolmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades)», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXXVIII, Lisboa, 1957.

significar com elas. Concluiu-se deste modo que, pelo menos dois entes, foram lá sepultados — um homem e uma mulher. Podemos observar com muita nitidez duas figuras, ao lado uma da outra, no esteio da cabeceira, tendo uma delas na parte superior um pente do tipo egípcio. Depois — o sol, a lua, as montanhas, a água etc., tudo foi representado por esses artistas de antanho. À entrada, apresentam-se os característicos labirintos, relacionados com a purificação da alma dos inumados, a atestarem os mesmos princípios que orientaram as pinturas murais dos grandes túmulos egípcios do Baixo Império (1). Por vezes, como em Juncais, observamos cenas de caça ao veado, em que o inumado é exaltado e lembrado pelas proesas venatórias que realizou (2).

II) — *Cultura megalítica do Alto Alentejo. Cultura megalítica portuguesa ou Cultura ocidental*

Ocupa esta cultura a região entre a Beira Baixa, o litoral e o Baixo Alentejo. A sua principal característica reside nas maciças construções megalíticas, posto que junto dos grandes sepulcros surjam, por vezes, outros mais pequenos. O material tipológico recolhido é muito abundante, e pode-se indicar como típico o das placas-ídolos de xisto, o das grandes alabardas de sílex, das grandes lâminas de sílex e de outros materiais, as pontas de flecha de base pedunculada e a cerâmica semi-esférica, sem ornamentação ou escassamente ornamentada com motivos simples. As placas de xisto, são, sobretudo, os objectos mais característicos desta cultura.

As manifestações de arte, neste povo das grandes antas, são já notáveis. O trabalho evidenciado, por exemplo, nas grandes alabardas é de perfeição e paciência surpreendentes, e representa, por certo, um grande engenho artístico. Porém, onde esta arte está melhor representada e onde se observam motivos estéticos mais pronunciados é na feitura das placas de xisto. Quer no desenho,

(1) L. de Albuquerque e Castro, «Monumentos megalíticos de Chão Redondo», *Estudos, Notas e Trabalhos do Serv. Fom. Mineiro*, Vol. XIV, fascs. 1-2. Porto 1960.

(2) J. Leite de Vasconcellos, «Peinture dans des dolmens du Portugal», *L'Homme Préhistorique*. T. V. Paris, 1907.

quer nos motivos, mas em especial nas belas placas antropomórficas em que o artista pretendeu, e conseguiu, imprimir-lhes forma humana, com a representação dos olhos, dos ombros, dos braços, das roupagens, dos pés e até com a tatuagem facial bem representada, adivinha-se sem esforço o génio criador desses rudes agricultores de há 4.000 anos. Outros motivos e outros desenhos aparecem, sobretudo com influências longínquas, como as da região do Sudeste espanhol, do Egipto e do Mediterrâneo oriental (1).

III — *Cultura dos grandes monumentos de influência almeriense*

Ocupa esta cultura todo o Baixo Alentejo e Algarve (2). Quando Estácio da Veiga fez as escavações de Alcalar, no Algarve, pensou que os grandes sepulcros de cripta redonda e extenso corredor faziam parte de uma nova cultura e por isso ele lhe chamou *Alcalarenses*. Hoje, depois das escavações que executámos no Baixo Alentejo, verificámos que se trata de uma penetração da cultura almeriense do Sudeste espanhol.

Os elementos mais característicos do espólio funerário destes monumentos são os típicos vasos de gola, as pontas de seta muito agudas e com pronunciada concavidade na base, as pontas de lança de cobre e os ídolos gravados, de osso. Além destes elementos, aparece o ídolo antropomórfico chamado «de Almeria», que é feito quase sempre numa delgada placa de osso, de marfim ou de xisto. Outro elemento mais raro, mas muito característico, é o vaso com ornamentação da face humana com tatuagem.

(1) Georg e Vera Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*, Berlin, 1934.

(2) Georg e Vera Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, Berlin, 1959.

Abel Viana, Georges Zbyszewski, R. Freire de Andrade, A. Serralheiro e O. da Veiga Ferreira, «Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo», *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, I volume, Lisboa, 1959.

Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. Lisboa, 1886-1901.

José Formosinho, O. da Veiga Ferreira e Abel Viana, «Estudos Arqueológicos nas Caldas de Monchique», *Trabalhos de Antrop. e Etnologia*, Vol. XIV, fasc. 1-4, Porto, 1953-1954.

Adeante falaremos desta manifestação de arte na olaria primitiva. Muitas vezes, misturados com esses elementos, surgem elementos da cultura megalítica, o que nos parece normal devido a influências estranhas.

IV — *Cultura do vaso campaniforme*

Encontrou-se, até o presente, nas embocaduras dos rios Mondego, Tejo e Sado (1). No Sado e Tejo é absolutamente bem representada. Esta cultura, segundo quase todos os autores, parece ter vindo por via marítima da região do Guadalquivir (2), por meio da navegação costeira, pois nunca foi encontrada no Algarve, nem no Alentejo. Em todo o caso, estamos firmemente convencidos de que o vale do Tejo também pode ter sido o berço desta desenvolvida cultura. Mendes Correia, Bosch Gimpera, Alberto del Castillo e o concordamos, como nós, em que a sua origem possa ter sido na bacia do Guadalquivir, mas as últimas descobertas na Península de Lisboa trouxeram novos elementos que estão presentemente em estudo e que poderão mudar a antiga teoria. Com efeito encontramos aqui túmulos especiais revelando a cultura do vaso campaniforme, mas também, quer pela ornamentação, quer pela forma dos vasos, motivos e perfis que nunca foram encontrados em Espanha, apesar de considerado ali o foco de origem desta cultura. A sua principal característica encontra-se no próprio vaso campaniforme, de ornamentação e técnica absolutamente típicas.

V — *Cultura mista*

Esta cultura (3) situa-se à beira mar, desde o rio Sado até o Mondego. Denominamos assim com o nome de Cultura *mista* a de todas as estações pré-históricas eneo-

(1) O. da Veiga Ferreira, «Acerca da cultura do vaso campaniforme em Portugal». *Trab. de Antrop. e Etnologia*, Vol. XV, fasc. 1-2, Porto, 1954.

(2) Alberto del Castillo, *La Cultura del vaso campaniforme*, Barcelona, 1938. *El vaso campaniforme*, Madrid, 1954.

(3) O. da Veiga Ferreira, «Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa», *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, I volume, Lisboa, 1959.

líticas que encerrem elementos de várias culturas. Chegamos a esta conclusão depois de termos estudado com cuidado as belas colecções do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal. Verificámos, por exemplo, que nas Grutas de Cascais havia peças que pertenciam à cultura do vaso campaniforme, outras à cultura megalítica e ainda outras à cultura almeriense, ou com fortes influências desta. Quer dizer, povos que viviam entre os da forte cultura megalítica do Alentejo e os da cultura do vaso campaniforme, situados mais à beira mar. É evidente que esses povos nestas circunstâncias tinham necessariamente de ser influenciados, ora por uns, ora por outros. É a única explicação que nós encontramos para esta cultura estranha. Os trabalhos de escavação feitos ultimamente num monumento perto de Fanhões (1), no Concelho de Loures, e os executados numa grande *tholos* mista na Praia das Maçãs (2) provaram à saciedade estas nossas afirmações. Além disto podemos ver nas Grutas de Cascais, na Casa da Moura (Cesareda), em Peniche (Furninha), Carvalhal (Turquel), nos monumentos de Monte Abraão (Belas), Verdelha dos Ruiivos — Penedo, Folha de Barradas (3), etc., a confirmação dos factos que acabamos de expor.

Após esta resenha sobre as culturas eneolíticas portuguesas, indispensável para entendermos o que se vai dizer da arte funerária, passemos agora a estudar as várias formas dessa arte.

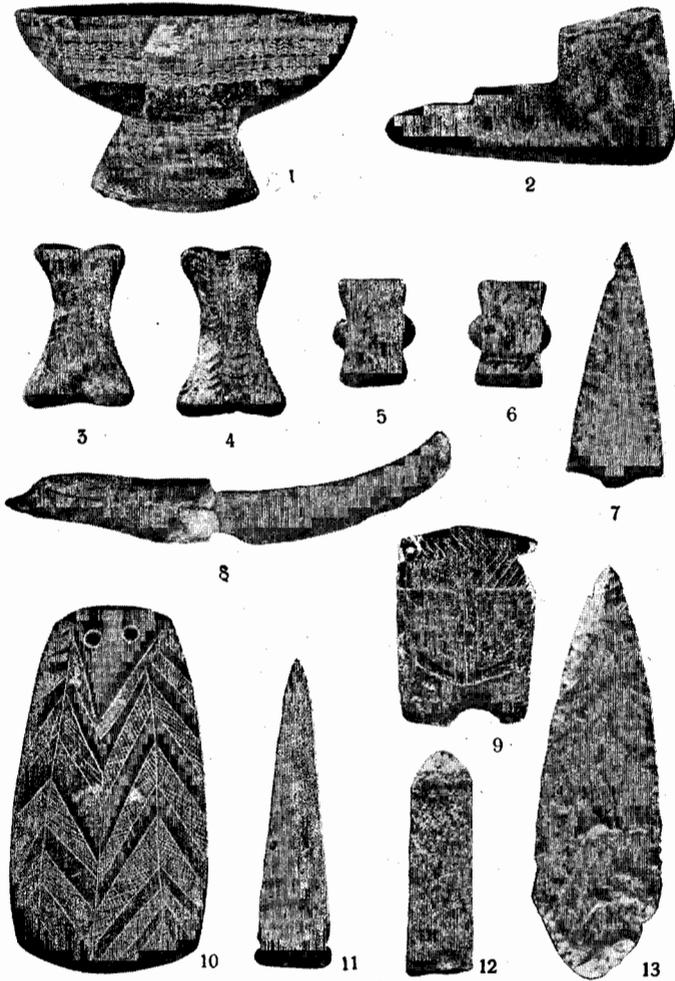
A arte funerária eneolítica pode considerar-se representada nos seguintes objectos:

- Cerâmica,
- Artigos de adorno,
- Objectos a que se atribui finalidade religiosa,
- Armas e utensílios de uso comum.

(1) Escavação de G. Zbyszewski, Vera Leisner, Camarate França e O. da Veiga Ferreira (a publicar nas *Mem. dos Serv. Geológicos*).

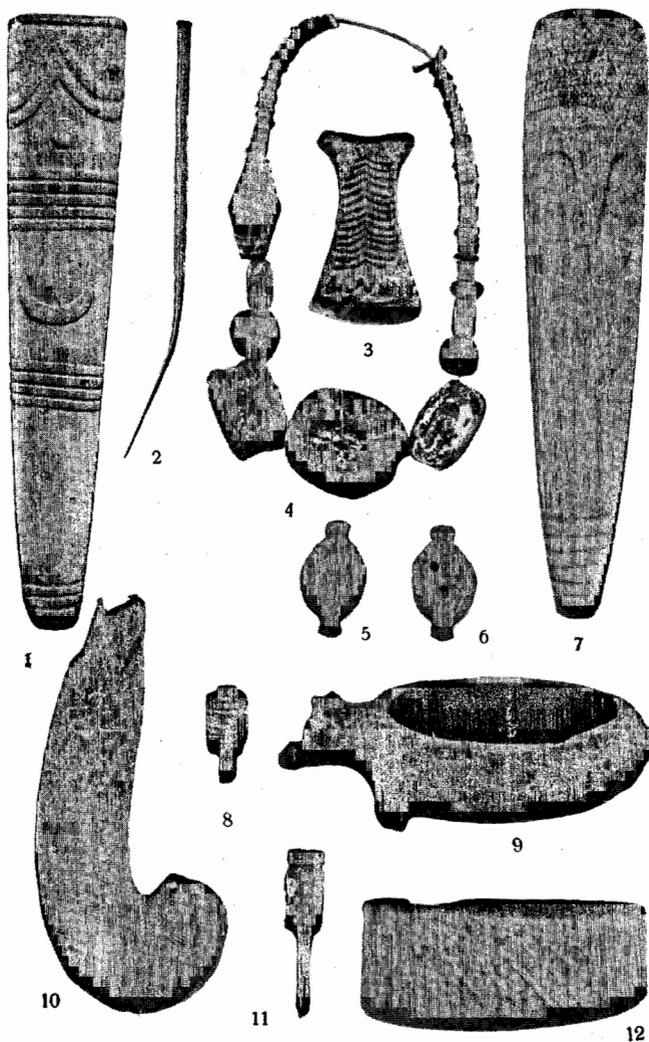
(2) *Idem, idem.*

(3) Ver magníficas colecções no Museu dos Serviços Geológicos.

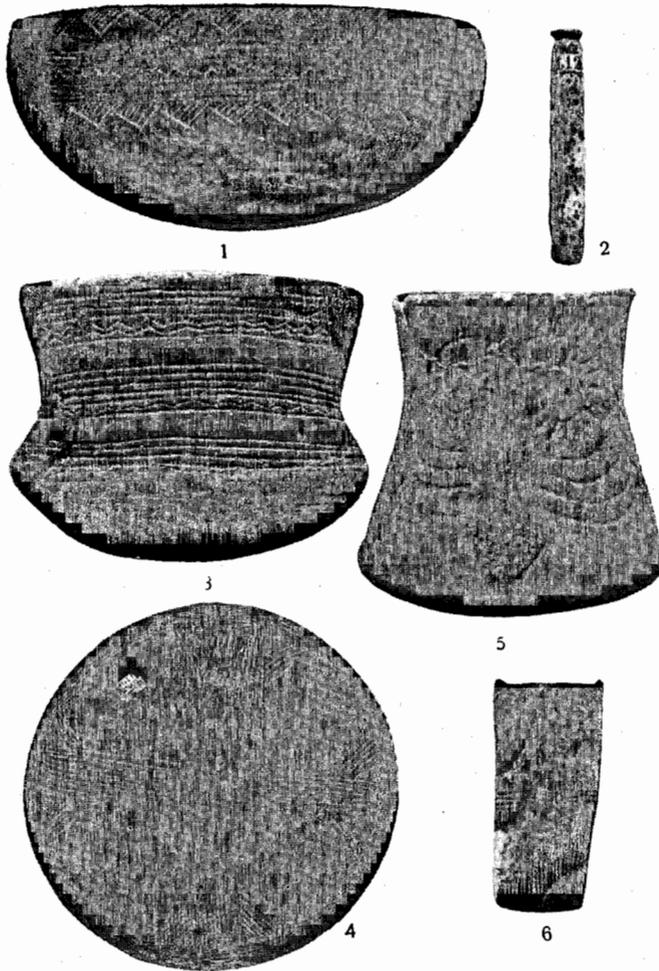


1. Taça com pé, (*Fruit-stand*), das grutas artificiais de S. Pedro do Estoril (Descoberta e escavação de Leonel Ribeiro). Cerca de $1/6$ do tamanho natural. — 2. Enxó encabada, votiva, de calcário, das grutas de Cascais (Segundo A. do Paço). Cerca de $1/4$. — 3 e 4. Ídolo falange da Lapa da Bugalheira (Segundo G. Zbyszewski). Cerca de $1/3$. — 5 e 6. Botão de osso das grutas artificiais de Palmela (Col. dos Serv. Geol. Portugal). Cerca de $1/2$. — 7. Punhal de sílex do monumento de Casainhos (Fanhões). Escavações de Zbyszewski, Vera Leisner, C. França e V. Ferreira. Cerca de $1/3$. — 8. Punhal de cobre encabado em osso, de Vila Nova de S. Pedro (Segundo E. Jalhay e A. do Paço). — 9. Placa de calcário gravada, do Cabeço da Arruda (Torres Vedras) (Segundo L. Trindade e V. Ferreira). Cerca de $1/2$. — 10. Placa de xisto gravada, do Cabeço da Arruda (Torres Vedras) (Segundo L. Trindade e V. Ferreira). Cerca de $1/2$. — 11. Punhal de sílex da Gruta do Carvalho (Turquel) (Col. dos Serv. Geol. de Portugal). Cerca de $1/3$. — 12. «Phalus» das grutas artificiais de Palmela (Col. dos Serv. Geol. de Portugal). Cerca de $1/3$. — 13. Punhal do monumento megalítico de Monte Abraão (Belas) (Segundo Carlos Ribeiro). Cerca de $1/2$.

Est. II

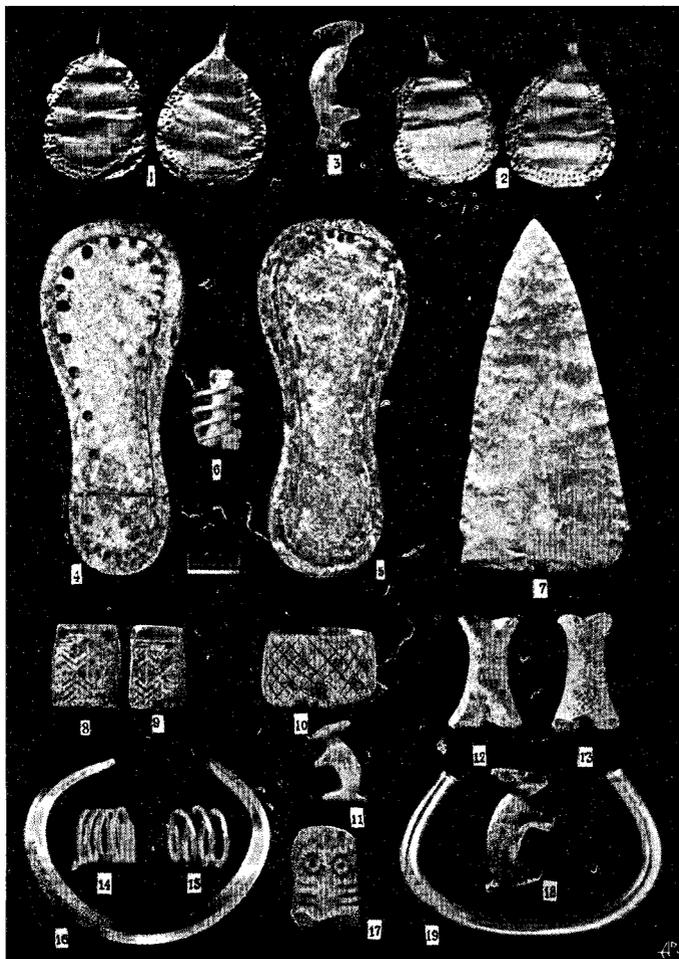


1. Ídolo de calcário gravado, do monumento da Folha das Barradas (Sintra) (Segundo Carlos Ribeiro). Cerca $1/3$. — 2. Alfinete do toucado, de ouro, do Povoado da Penha Verde (Sintra) (Segundo G. Zbyszewski e V. Ferreira). Cerca de $1/2$. — 3. Ídolo-falange da «tholos» do Vale de S. Martinho (Sintra) (Segundo Maximiano Apolinário). — 4. Colar de contas de vários tipos e materiais, das grutas de Cascais (Segundo A. do Paço). Cerca de $1/2$. — 5 e 6. Botão de osso do monumento megalítico das Conchadas (A-da-Beja) (Segundo V. Leisner e V. Ferreira). Cerca de $1/2$. — 7. Ídolo de calcário gravado, do monumento de Casainhos (Escarvações de G. Zbyszewski, V. Leisner, C. França e V. Ferreira). Cerca de $1/3$. — 8 e 11. Alfinetes de osso, de cabeça postiça, de Cascais (Segundo A. do Paço). Cerca de $1/2$. — 9. Vasilha zoomórfica da Gruta do Carvalhal (Turquel). $1/4$ do tamanho natural. — 10. Representação do machado encajado (vulgarmente chamado báculo), $1/5$ do tamanho natural. — 12. Vaso de calcário das grutas de Palmela (Col. dos Serv. Geol. de Portugal). Cerca de $1/2$.



1. Grande taça campaniforme da Eira Pedrinha (Segundo C. Teixeira e Mendes Correa). — 2. Idolo de osso, de gola, das Grutas de Palmela (Col. dos Serv. Geol. de Portugal). Cerca de $1/10$. — 3. «Caçoila», da cultura do vaso campaniforme, de S. Pedro do Estoril (Col. do Museu Castro Guimarães). Cerca de $1/3$. — 4. Fundo de taça de Palmela (Col. dos Serv. Geol. de Portugal). Cerca de $1/4$. — 5. Vaso do monumento do Outeiro (Aljustrel) (Segundo A. Viana, Freire de Andrade e V. Ferreira). Cerca de $1/3$. — 6. Pente votivo de marfim, de Casainhos (Escavações de G. Zbyszewski, V. Leisner, C. França e V. Ferreira). Cerca de $1/2$.

EST. IV



1 e 2. Brincos de ouro da Ermegeira (Segundo Manuel Heleno). Cerca de 1/2. — 3, 11 e 18. Roedores de osso, do Cabeço da Arruda (Torres Vedras) (Segundo L. Trindade e V. Ferreira). Cerca de 1/2. — 4 e 5. Sandalias votivas de Alapraia (Segundo E. Jalhay e A. do Paço). — 6, 14 e 15. Aneis espiralados de ouro, de S. Pedro de Estoril. (Segundo L. Ribeiro). Cerca de 1/2. — 7. Grande alabarda das Lapas de Torres Novas (Segundo Fernando de Almeida e V. Ferreira). Cerca de 1/2. — 8 e 9. Vasinho de osso de Belas (segundo G. e Vera Leisner). — 10. Vasinho de osso de Monte Velho (Alcázar) (Segundo Santos Rocha). — 12 e 13. Ídolo falange de Olelas (Segundo P. Vicente e C. Serrão). — 16 e 19. Braceletes de ouro de Ourique (Segundo A. Viana, Freire de Andrade e V. Ferreira). Cerca de 1/2. — 17. Ídolo com olhos, de Olhão (Segundo G. e Vera Leisner).

A) — *Cerâmica*

A cerâmica teve grande desenvolvimento no Eneolítico, atingindo o auge na civilização do vaso campaniforme. No nosso País é, sem sombra de dúvida, o vaso campaniforme o expoente máximo da arte da cerâmica. Basta recordar as belas taças do tipo Palmela, as caçoilas de Palmela e doutras estações e os vasos com pé (*fruit-stands*) das grutas artificiais de S. Pedro do Estoril (1).

No sul do País, aparecem vasos, mesmo com rara ornamentação como o de Monte do Outeiro, em Aljustrel (2), nos quais se pretendeu representar uma figura feminina com tatuagem facial e onde não falta o atributo feminino.

O vaso zoomórfico da gruta do Carvalhal (3) é outra manifestação da arte dessa época, digna de muita admiração.

Devemos incluir neste capítulo os vasos de calcário, pois são por vezes a réplica fiel dos de cerâmica.

Salientamos em especial os vasos de calcário com ornamentação, das grutas de Palmela, e o vaso finíssimo e elegante do monumento da Praia das Maças (4).

B) *Artigos de adorno*

Neste capítulo os homens do Eneolítico deixaram bem vincada a sua arte. Desde as simples contas de colar de calaite e de outras matérias até os belos braceletes (5), brincos (6), alfinetes (7), anéis espira-

(1) O. da Veiga Ferreira, «Acerca da cultura do vaso campaniforme em Portugal» *op. cit.*

(2) Abel Viana, O. da Veiga Ferreira e R. Freire de Andrade, «Um túmulo de tipo alcalarense nos arredores de Aljustrel», *Rev. de Guimarães*, vol. LXXI, n.ºs 3-4, Guimarães, 1961».

(3) J. Camarate França, «A vasilha zoomórfica da Gruta do Carvalhal (Turquel)», *Mensário Administrativo*, n.ºs 39-40, Luanda, 1950.

(4) Colecção do Museu dos Serviços Geológicos.

(5) Abel Viana, O. da Veiga Ferreira e R. Freire de Andrade «Monumentos megalíticos dos arredores de Ourique». *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXXVIII, Lisboa, 1957.

(6) Mário Cardozo, «Das origens e técnica do trabalho do ouro», *Rev. de Guimarães*, Vol. LXVII, n.º 1-2, Guimarães, 1957.

(7) G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, «Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra)», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXXIX, Lisboa, 1958.

lados (1), contas de ouro, cobre, etc., tudo esses homens trabalharam. Os botões de osso cónicos, os de forma antropomórfica ou em forma de tartaruga (2), como os de Palmela, Vila Nova de S. Pedro, S. Pedro do Estoril, Trigache, etc., os artísticos alfinetes de osso de cabeça postiça de quase todas as estações dos arredores de Lisboa, os pentes de marfim cujo tipo especial está representado em Casinhos (Fanhões) (3), na Furninha (4), na Samarra (5), etc., foram objecto de trabalho esmerado.

C) — *Objectos a que se atribui finalidade religiosa*

Neste capítulo observa-se a maior profusão de objectos de todas as matérias e formas.

Em primeiro lugar as placas-ídolos de xisto, com toda a sua variada gama de desenhos e concepções (6); depois os cilindros de calcário, alguns com ornamentações que representam a estilização da figura humana, como o de Casinhos (7) e o da Folha de Barradas (8), os cilindros de gola de marfim ou de osso, as pequenas estatuetas de barro, como a da Pedra de Ouro (9), as falanges gravadas e pintadas com a característica tatuagem facial na parte inferior dos olhos, como a de S. Martinho (10), Buga-

(1) Margaret A. Smith, «Campaniformes ibericos», *Rev. de Guimarães* Vol. LXV, n.º 3-4, Guimarães, 1955.

(2) Jean Roche e O. da Veiga Ferreira, «Révision des boutons perforés en V de l'Énéolithique portugais». *L'Anthropologie*, T. 65, n.º 1-2, Paris, 1962.

(3) Colecção dos Serviços Geológicos.

(4) *Idem.*

(5) J. Camarate França e O. da Veiga Ferreira, «Estação pré-histórica da Samarra (Sintra)», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXXIX, Lisboa, 1958.

(6) Georg e Vera Leisner, *Antas de Reguengos de Monsaraz — Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal*. Lisboa, 1951.

(7) Colecção dos Serviços Geológicos.

(8) *Idem.*

(9) Afonso do Paço, «A figurinha de barro de Pedra de Ouro». *Primeiro Congresso do Mundo Português*, Porto, 1940.

(10) Maximiano Apollinário, «Necropole neolithica do valle de S. Martinho. *O Archeologo Português*, vol. II, pag. 210, Lisboa, 1896.

lheira (1), Olelas (2), etc., as lúnulas ou crescentes de calcário, os báculos (3), as estatuetas zoomórficas representando roedores (4), as enxós de calcário com cabo (5), etc.

D) — *Armas e utensílios de uso comum*

Nesta rubrica incluímos certos instrumentos encontrados nas sepulturas, tais como machados, enxós, goivas, escopros, punções, espátulas, alabardas, furadores, punhais, lanças, pontas de seta, facas, elementos de dente de foice, raspadores, vasos de osso com ornamentação ou singelos, as célebres sandálias de Alapraia (6), etc.

Em todas estas manifestações de arte primitiva há alguns objectos que nos causam verdadeira admiração. Nesta ordem de ideias salientamos os de proveniência exótica e confeccionados com materiais muito duros, de belas cores, como as calaites, matéria de origem persa com a qual se fabricaram belos pingentes e pequenas estatuetas zoomórficas (roedores) (7), etc. A fibrolite, matéria encontrada em abundância na Serra de Guadarrama, serviu em especial para a fabricação de armas (8). Alguns machados feitos deste material têm

(1) Afonso do Paço, Maxime Vaultier e G. Zbyszewski, «Nota sobre a Lapa da Bugalheira», *I Congr. Nac. de Ciências Naturais*, Lisboa, 1941.

(2) Ver colecções do Museu dos Serviços Geológicos e do Museu Etnológico.

(3) O. da Veiga Ferreira e L. Trindade, «Objectos da Necrópole do Cabeço da Arruda (Torres Vedras)», *Zephyrus*, t. V, Salamanca, 1954.

(4) O. da Veiga Ferreira, «Os artefactos pré-históricos de calaite e sua distribuição em Portugal», *Arqueologia e História*, Vol. V, Lisboa, 1951.

(5) J. Camarate França e O. da Veiga Ferreira, «Estação pré-histórica da Samarra», *op. cit.*

(6) E. Jalhay e Afonso do Paço, «A Gruta II da Necrópole de Alapraia», *Anais da Academia Portuguesa da História*, Vol. IV, Lisboa, 1941.

(7) O. da Veiga Ferreira, «Os artefactos pré-históricos de calaite e sua distribuição em Portugal» *op. cit.*

(8) O. da Veiga Ferreira, «Os instrumentos de fibrolite do Museu dos Serviços Geológicos», *Anais da Fac. de Ciências do Porto*, T. XXXVII, Porto, 1953.

uma perfeição admirável e apresentam a meio um sulco profundo e bem polido. Um dos exemplares mais perfeitos que conhecemos em Portugal foi encontrado pelo nosso colega Albuquerque e Castro numa sepultura de Pombal, com aspecto característico de influência almeriense (1).

Outro motivo de especial menção nestas manifestações de arte é o das chamadas «lúnulas» ou «crescentes» (2). Alguns autores pretendem filiar estes crescentes ornamentados de calcário nas famosas lúnulas irlandesas, que lá apresentam uma arte refinada e são fabricadas de ouro, prata ou cobre (3).

Os delgados e frágeis vasos de alabastro ou de calcário, de proveniência norte-africana, possivelmente do Vale do Nilo, têm o seu *habitat* justamente na Península de Lisboa, em Monte Abraão (4), Gruta do Carvalhal (5) e em especial na Praia das Maças (6).

O célebre punhal de Vila Nova de S. Pedro (7) fabricado de cobre e com cabo de osso justifica também a influência do Egipto, assim como os artefactos de marfim, como os botões em forma de tartaruga e os pentes.

As jóias de ouro começam a fazer a sua aparição na arte eneolítica. Apontamos os braceletes, os brincos, os anéis, os alfinetes, etc. Os brincos de Ermegeira são uma jóia de rara sensibilidade artística para a época (8).

Outros elementos de arte muito curiosos são as enxós encabadas, de calcário, com ou sem ornamentação. São objectos votivos e apenas conhecidos até hoje nas embocaduras do Tejo e do Sado (9).

(1) Escavação de Luís de Albuquerque e Castro na região de Pombal.

(2) L. Trindade e O. da Veiga Ferreira, «A necrópole do Cabeço da Arruda (Torres Vedras)», *Anais da Fac. de Ciências do Porto*, Porto, 1956.

(3) *The British Museum — Lates prehistoric Antiquities of the British Isles*, London, 1953.

(4) Colecção dos Serv. Geol. de Portugal.

(5) *Idem*.

(6) *Idem*.

(7) E. Jalhay e Afonso do Paço, «El Castro de Vila Nova de San Pedro», *Actas y mem. de la Soc. Esp. de Antrop., Etnogr. y Prehistoria*, T. XX, Madrid, 1945.

(8) Manuel Heleno, «Gruta artificial da Ermegeira», *Ethnos*, Vol. II, Lisboa, 1942.

(9) J. Camarate França e O. da Veiga Ferreira, «Estação pré-histórica de Samarra», *ob. cit.*

As vasilhas antropomórficas, cujo tipo está representado na gruta do Carvalho (Turquel) e no Castro de Olelas, são também outro elemento muito interessante da arte funerária eneolítica.

Os cilindros de calcário representando a estilização humana estão representados em Folha de Barradas e nos Casinhos. O de Casinhos apresenta influências longínquas, talvez de Susa.

As falanges com pinturas são também um elemento muito interessante nesta arte primitiva. Nas da Bugalheira as figuras têm inclusivamente o cabelo representado.

Também a cerâmica canelada de proveniência exótica, talvez vinda da Península da Anatólia (1), segundo supomos, representa uma manifestação da arte da cerâmica muito evoluida. Alguns vasos, como os das Conchadas, A-da-Beja, têm no fundo 2^{mm} de espessura, o que, para a época, e sobretudo sem a roda de oleiro, representa trabalho de bom artífice.

E, a finalizar esta resumida nota sobre a arte funerária eneolítica, podemos concluir que essas manifestações apresentam em Portugal fortes influências da civilização do Mediterrâneo oriental e Norte de África, assim como de velhas civilizações situadas ao longo das costas do Mediterrâneo, desde a Grécia às embocaduras do Sado, Tejo e Mondego (2).

(1) Vera Leisner e O. da Veiga Ferreira, «Os monumentos megalíticos de Trigache e A-da-Beja». *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, I volume, Lisboa, 1959.

(2) E. Jalhay, «O Castro eneolítico de Vila Nova de S. Pedro e as suas relações com o Norte africano e Mediterrâneo oriental», *Congr. Luso-Espanhol para o Progr. das Ciências*, em 1942, no Porto. T. VIII, Porto, 1943.